

A "LÓGICA" DO ESPAÇO E DO TEMPO NO PENSAMENTO MÍTICO SEGUNDO ERNST CASSIRER

Telma Aparecida Donzelli

Departamento de Filosofia-UFRJ

Ernst Cassirer concebe o mito como expressão de categorias afetivas e não intelectuais, ao contrário da idéia que imperara no século XIX de que o mito representaria um estado intelectual primitivo da humanidade. Segundo o filósofo alemão, as premissas de que parte o pensamento mítico não são intelectuais, no sentido de expressarem juízos fundamentados na busca de uma universalidade abstrata. Isto, porém, não significaria que a interpretação ou a elaboração do discurso mítico não siga uma lógica. O pensamento mítico, para Cassirer, objetiva um universo com significação específica e coerência própria, na medida em que é uma primeira tentativa de compreender o mundo, analisando e sistematizando a experiência sensorial, de acordo com uma lógica decorrente deste contacto imediato com a concretude do dado sensorial, contacto que define o sentimento ou a emoção.

A percepção, a ciência e o mito corresponderiam a diferentes movimentos de ordenação, pela razão, das impressões sensoriais. Tais movimentos, surgidos de determinadas metas da razão, através das quais busca-se superar o "isolamento do imediatamente dado", estabelecendo uma ligação do individual ou particular com uma determinada totalidade¹. Na percepção e na ciência a meta seria diferenciar o permanente do fluido, o idêntico do variável, o fixo do mutante, sendo que, na ciência, tal distinção seria estabelecida mediante uma ordem de hierarquização causal, pois, neste caso, a regra que orienta a razão é a subordinação de todo particular a uma lei universal, o que significa, automaticamente, o estabelecimento de dois planos de ser: o do fundamento (causa) e o do fundamentado (efeito). Esta subordinação a leis universais corresponde, em sua essência, ao estabelecimento de uma unidade no diverso, isto é, de uma estruturação que vai abarcando progressivamente a totalidade da experiência para fazer dela um só contexto lógico onde se determina, para cada fenômeno, um lugar específico que o distingue dos demais, sem perder com estes sua relação.²

A totalidade do cosmos científico, assim como a forma de pensar e configurar seus objetos, ligando-os progressivamente mediante relações de coexistência (espaço) e sucessão (tempo) decorrerão desta meta da razão. Objeto para a ciência identifica-se a tudo o que possa ser

pensado como sendo caso particular de uma lei universal, portanto a algo essencialmente funcional.³ Da mesma forma, a ciência, ao progredir, vai concebendo o espaço e o tempo como puros sistemas de relações que permitem apreender o conteúdo sensível de acordo com leis universalmente válidas. Todos os elementos do espaço geométrico, lembra Cassirer, são simples determinações de posições sem conteúdo próprio e independente. Daí as características de continuidade, pois sem diversidade de conteúdo não se pode falar de descontinuidade; de homogeneidade, que não seria outra coisa que essa identidade de estrutura fundamentada na função e significação comuns das posições; de infinitude, pois sendo essencialmente relação, um tal espaço não está confinado a determinados limites da capacidade perceptiva. No que concerne, por outro lado, ao tempo, a meta científica é a de sua progressiva quantificação. O conceito científico de tempo não estaria apenas relacionado mas se reduziria ao conceito de número, que, por sua vez, se identificaria segundo Cassirer, à forma puramente ideal de uma ordenação serial.

Diferentemente do pensamento científico, o pensamento mítico corresponderia àquela meta da razão que visa a ordenação do caos sensorial a partir da intensidade com que, em determinado instante, o dado sensorial impressiona a consciência e dela se apodera. Não há um processo de construção do objeto, como na ciência. A consciência mítica, ao contrário, situa-se na impressão imediata. O poder do objeto, domina a consciência, tirando-a da "mera sucessão do uniforme", o que resulta na revelação do objeto como algo "único", "absoluto", "sagrado". Algo que não se dá "através de", mas afirma-se a si mesmo mediante a simples "concretude" de sua existência ou a forma irresistível com que se impõe à consciência. Este domínio da consciência pelo objeto não advém de qualidades específicas deste. Qualquer objeto poderá "apoderar-se" da consciência e investir-se do caráter de "sagrado". O domínio em questão decorreria da luminosidade com que o objeto poderá se dar à consciência.

Este processo pelo qual o sagrado se constrói revela-se, portanto, ao mesmo tempo, como descobrimento (aparecimento de algo novo) e ocultação (algo que esconde o contexto de que emerge) pois o sagrado apresenta-se como "único". Isto explicaria porque o "sagrado" significa, igualmente, algo próximo e algo distante, levando, contraditoriamente, a sentimentos de esperança e medo; admiração e receio. Cassirer observa, ainda, que o conceito de "tabu" decorreria deste duplo caráter do sagrado, que por ser descobrimento torna-se suscetível de sofrer infiltração da realidade comum (o profano), a qual, por lhe permanecer, no entanto, estranha (o sagrado é ocultação), dá origem ao "tabu", ou seja à proibição de tornar comum o sagrado⁴.

Somente à luz deste processo de constituição do sagrado, torna-se possível penetrar o mecanismo de ordenação mítica dos dados

sensoriais e a lógica mítica do espaço e do tempo. Em primeiro lugar, uma tal ordenação, a partir da concretude das impressões sensoriais, faz com que todos os conteúdos perceptivos se encontrem em um mesmo plano de ser, investidos de uma mesma realidade concreta, não havendo distinção entre o meramente representado e a percepção real, entre a imagem e a coisa. Em outras palavras, o processo de objetivação de que resulta o mundo mítico é, fundamentalmente, um processo de "coisificação". O pensamento mítico transforma em ser concreto ou "coisa" toda significação pura. É assim que, na atividade mítica há sempre "um momento em que se efetua uma verdadeira transsubstanciação do sujeito da atividade no deus ou demônio que representa".⁵ Pela mesma razão os ritos não são visualizados como alegorias mas como realizações efetivas, como ações concretas das quais poderão depender tanto a subsistência de alguém, quanto o sucesso de uma colheita no campo. No mundo mítico, lembra Cassirer, baseando-se em conclusões de estudiosos da questão, quando os "mistérios" forem traídos não se diz que foram divulgados, como se fossem idéias ou tivessem o estatus de significações puras, diz-se que foram "dançados fora"⁶.

Toda relação, inclusive as de espaço e de tempo, serão, conseqüentemente, concebidas como sendo de natureza cósmico-substancial e não abstrata. Espaço e tempo apresentam-se como configurações concretas da consciência, coincidindo com o conteúdo individual sensível que os ocupa. Entre o que uma coisa é e o lugar em que se encontra não existe uma relação meramente externa e causal, mas o próprio lugar faz parte da estrutura do ser que o ocupa: quando morre o membro de um clã, tem-se o cuidado de enterrá-lo de tal modo que conserve a posição peculiar ao seu clã.⁷ Por outro lado, cada direção espacial é visualizada como "entidade" independente, dotada de vida própria. Há deuses do oriente e do norte; deuses do ocidente e do sul, do mundo "inferior", do mundo "superior". Os espaços adquirem um caráter divino ou demoníaco, amigo ou inimigo. "O oriente, como origem da luz, também é a fonte e origem da vida; o ocidente como região em que o sol se põe, está rodeada por todos os horrores da morte"⁸.

Da mesma forma, o tempo mítico não se define por uma relação abstrata de sucessão. Ao contrário do tempo físico-matemático da ciência, não é algo que "flui em si e por si sem referência e um objeto exterior". Cada fase ou intervalo de tempo, como cada zona ou direção no espaço, corresponde a uma intuição qualitativa e concreta. O "de onde" e o "para onde" são visualizados sob a forma de "coisas determinadas"; os "momentos" conservam o caráter de "coisas de origem", concretas e independentes. Daí o cuidado na celebração de determinados atos sacramentais que deverão acontecer em certas épocas ou períodos definidos, fora dos quais perderiam todo poder sacramental. Esta lógica do

tempo no pensamento mítico adviria, segundo Cassirer, da própria forma do ser mítico: enquanto “sagrado”, a essência do mítico é a de ser “único”, definindo-se como um “ser de origem”, sem passado; somente o “acontecer” confere-lhe este caráter de passado, de “já dado, e portanto, de “tempo” propriamente dito; ora o “acontecer” é o vir a ser rítmico da configuração existencial; conseqüentemente cada intervalo de tempo, no pensamento mítico, identifica-se substancialmente com o seu conteúdo existencial.

Ainda, como decorrência da concepção de que toda relação seria de natureza cósmico-substancial, não se estabelece, no pensamento mítico, uma demarcação precisa entre o todo e as partes; o todo é a parte, no sentido de que está nela de maneira sensível e material. O indivíduo estaria todo contido em seus cabelos, em suas roupas. Todo aquele que ‘se apodera da menor parte de um homem, de seu nome, sombra, reflexo, de tudo o que é “parte” dele, segundo a intuição mitológica apropriou-se do homem e adquiriu poder mágico sobre ele”⁹. Da mesma maneira, no que diz respeito à relação qualitativa (da “coisa” com seus atributos) concebe-se, no pensamento mítico, cada atributo ou propriedade como algo simples, representando em si mesmo determinada coisa elementar que expressa e engloba a substância ou totalidade do ser, vista de determinado ângulo. Daí decorreria uma das idéias básicas da alquimia, de acordo com a qual em todas as coisas está contida, de alguma maneira, a mesma substância original, o que torna possível a crença na transubstanciação de metais.

A consciência mítica, portanto, proclama “acima de todas as diferenças e separações empíricas”, a “identidade de sua forma fundamental pura”. O cosmos mítico, diz Cassirer, não é engendrado geneticamente, a partir dos elementos, segundo uma regra determinada; é dado como construído de acordo com certo modelo que, ampliado ou reduzido, é sempre o mesmo. Segundo a astrologia, na constelação correspondente à hora do nascimento de uma criança encontra-se contida, como forma acabada, a totalidade de sua vida. A relação de semelhança entre o modelo originário e cada ser individual é, como toda relação no pensamento mítico, de natureza substancial. Assim, a influência dos planetas é entendida como uma espécie de inerência substancial, ou seja, em cada um de nós “está” um planeta determinado¹⁰. Da mesma forma, na organização totêmica concebe-se o indivíduo como dependendo concretamente de seu ancestral totêmico e a ele se identificando.

É, igualmente, conseqüência desta visão estrutural, característica da consciência mítica, visão que vai do todo para as partes, o fato do tempo mítico não apresentar uma separação absoluta entre o presente, o passado e o futuro. Cada uma dessas fases poderá vir a dominar e a se identificar com o tempo como tal. A imagem do tempo varia com a

direção da consciência temporal, ora para o futuro, ora para o passado, ora para o presente. Com o aparecimento de um Deus único e eterno, por exemplo, verificou-se, por causa da noção de eternidade, uma recusa em tomar o acontecimento natural e sua mudança periódica de configurações como modelo das ordenações temporais. É o tempo dos profetas, onde o sentimento mítico-religioso enfatiza o futuro. O predomínio do passado, por sua vez, é exemplificado pelo taoísmo, onde a meta é alcançar a duração pura (a ausência de sucessão); mediante a eliminação da realidade temporal enquanto mudança: todo tempo só se justifica na condição de cópia fiel e exata do passado, através do culto dos antepassados. E, finalmente, a religião egípcia na qual o tempo só se afirma enquanto subsistência do presente, onde toda vida e todo movimento aparecem encerrados em formas geométricas eternas, como as pirâmides.

Cassirer prossegue descrevendo a dialética do pensamento mítico, através da qual os conceitos míticos de espaço, de tempo e seus derivados, como o de destino, transformam-se gerando o pensamento religioso e filosófico. Não nos ocuparemos aqui de tais análises, apesar do grande interesse de que se revestem. Nossa intenção, neste trabalho, foi tão-somente a de levantar alguns dos pontos fundamentais de concepção mítica de espaço e de tempo, de maneira a evidenciar a lógica que, segundo Cassirer, lhes é intrínseca. Uma lógica que, contrariamente à científica, é estrutural e não funciona, que tem por princípio, não a homogeneidade e, portanto, o abstrato, mas a heterogeneidade e, conseqüentemente, a singularidade e a concretude do existente. Por isso mesmo, longe de se identificar, como se pensou durante longo tempo, com estágios primitivos de objetivação de realidade, esta lógica estrutural possibilita e funda, segundo observaram alguns autores, o mundo e toda existência como valor e significação

NOTAS:

(1) Ernst CASSIRER, *Filosofia de las formas simbólicas*. Tomo II. Cidade do México, Fondo de Cultura Económica, 1971, p. 112. Estas metas da razão, responsáveis pela diferenciação de "modalidade" ou significação dada às categorias nos pensamentos mítico e científico, constituem, para Cassirer, as formas "a priori" propriamente ditas da razão, segundo a observação de I.K. Stephens em seu artigo intitulado *Cassirer's doctrine of the A Priori*, in *The Philosophy of Ernst Cassirer*, La Sall., Illinois, Paul Arthur Schilpp, 1973.

(2) Ernst CASSIRER, Op. cit. p. 90.

(3) Cassirer assinala duas etapas na construção do objeto pelo pensamento científico: a de análise, onde os conteúdos imediatos de experiência, por não possuírem determinação unívoca e não se sujeitarem a uma ordem contínua e fixa, são submetidos a determinadas relações (no caso do espaço às relações de medir e numerar) que os transformam em uma espécie de substrato, a partir do qual passa-se à segunda etapa da construção: a síntese. A síntese consiste na inclusão de todo particular no contexto universal da experiência: os valores numéricos e grandezas que passaram a caracterizar o objeto (etapa da análise) apresentam-se ligados entre si por meio de equações e conexões funcionais, constituindo uma série ordenada,

fundamentada em leis. O conhecimento científico, portanto, não seria a réplica, nem de um substrato externo, nem de um substrato interno, mas o produto de um processo da razão, através do qual se estabelece uma ordenação serial da multiplicidade perceptiva, isto é, uma ordenação a partir de uma regra ininterrupta de sucessão, dos valores possíveis suscetíveis de serem investidos pelos fatos concretos. (Ver Ernst Cassirer, **Substance et Fonction**, Paris, Les éditions de Minuit, 1977 e **Filosofia de las formas simbólicas**, t. II – 2ª parte – Cap. II.

(4) Ernst CASSIRER, Op. cit. cap. 1º da 2ª parte.

(5) Ernst CASSIRER, Op. cit. p. 63.

(6) Ernst CASSIRER, Op. cit. p. 64 – nota de rodapé.

(7) Ernst CASSIRER, Op. cit. p. 127.

(8) Ernst CASSIRER, Op. cit. p. 133.

(9) Ernst CASSIRER, Op. cit. p. 78.

(10) Ernst CASSIRER, **Esencia y efecto del concepto de simbolo**, México, Fondo de Cultura Económica, 1975, p. 43.